

TIMOTHY KELLER

MINISTÉRIOS DE

MISERI CÓRDIA

**O CHAMADO
PARA A ESTRADA
DE JERICÓ**




VIDA NOVA

Sumário

<i>Nota do editor</i>	9
<i>Prólogo: Aquele que teve misericórdia</i>	11
Introdução: Quem é o meu próximo?	17
PRIMEIRA PARTE: PRINCÍPIOS	
1. O chamado à misericórdia	41
2. O caráter da misericórdia	53
3. A motivação para a misericórdia	69
4. Doar e guardar: uma vida equilibrada	81
5. A igreja e o mundo: um foco equilibrado	95
6. Condicional e incondicional: um julgamento equilibrado	109
7. Palavras e obras: um testemunho equilibrado	123
SEGUNDA PARTE: PRÁTICA	
8. Pontapé inicial	139
9. Preparando a igreja	151
10. Mobilizando a igreja	175
11. Ampliando sua visão	197
12. Administrando seu ministério	221
13. Ministério de misericórdia e crescimento de igreja	237
14. Suprindo necessidades	259
<i>Sugestões de leitura</i>	269

Nota do editor

Ministérios de misericórdia foi escrito em 1988 como parte de um projeto de pesquisa para a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (conhecido como PCA). Embora muitas das estatísticas citadas nesse projeto tenham mudado de lá para cá, os princípios — e as necessidades — subjacentes continuam válidos. Desejamos que este livro e os princípios relativos a ministérios de misericórdia nele discutidos possam auxiliá-lo a servir sua igreja e cidade. Após a primeira publicação desta obra, surgiram alguns recursos excelentes. Vários deles são mencionados nas “Sugestões de leitura”, que se encontram no final da obra.

Prólogo

Aquele que teve misericórdia

Então se levantou certo doutor da lei, que, para colocá-lo à prova, disse: Mestre, que devo fazer para ter a vida eterna?

Jesus lhe perguntou: O que está escrito na lei? Como lês?

Ele lhe respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com todo o entendimento, e o próximo como a ti mesmo.

Disse-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso e viverás.

Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo?

E Jesus lhe respondeu: Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu na mão de assaltantes, que o roubaram e, depois de espancá-lo, foram embora, deixando-o quase morto. Por acaso, um sacerdote descia pelo mesmo caminho e, vendo-o, passou longe. De igual modo, também um levita chegou àquele lugar e, quando o viu, passou longe. Mas um samaritano, que ia de viagem, aproximou-se e, vendo-o, encheu-se de compaixão; e chegou perto dele, enfaiçou suas feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua própria montaria, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, pegou dois denários, entregou-os ao hospedeiro e disse: Cuida dele; quando voltar, te pagarei tudo o que gastares a mais.

Qual desses três te parece ter sido o próximo do que caiu na mão dos assaltantes?

O doutor da lei respondeu: Aquele que teve misericórdia dele. Então Jesus lhe disse: Vai e faze o mesmo (Lc 10.25-37).

A ESTRADA PERIGOSA

A estrada para Jericó é íngreme e perigosa. Na verdade, tão perigosa que as pessoas chamavam-na “via sangrenta”. Jerusalém está localizada 900 metros acima do nível do mar, enquanto Jericó, situada apenas a 27 quilômetros de

distância, fica 300 metros *abaixo* do nível do mar Mediterrâneo. A estrada entre essas cidades desce acentuadamente por território montanhoso repleto de penhascos e cavernas, permitindo que ladrões se escondam, ataquem e escapem com grande facilidade. Naquela época, viajar pela estrada de Jericó era como atravessar um beco escuro na pior região de uma cidade moderna, exceto pelo fato de ficar muitos quilômetros distante de qualquer rua iluminada.

Nesse “beco escuro” um homem foi vítima de um problema social: o crime. Ele “caiu na mão de assaltantes, que o roubaram e, depois de espancá-lo, foram embora, deixando-o quase morto” (v. 30).

OS DOIS QUE PASSARAM LONGE

Logo depois, em momentos diferentes, um sacerdote e um levita se aproximaram, mas passaram do outro lado da estrada, não querendo se envolver com as necessidades do homem ferido.

Não devemos nos precipitar em desprezar esses homens, pois podemos descobrir que estamos condenando a nós mesmos. Imagine como você reagiria se estivesse, com muito medo, pegando um atalho por um beco escuro. De repente, você vê um homem gemendo, caído no chão, e acha que um bando de bandidos está bem ali na esquina, de olho em você! Com certeza o mais sábio a fazer é correr para um lugar seguro e chamar a polícia para cuidar da pobre vítima. Então, você sai em disparada.

Talvez o sacerdote e o levita tenham tido outro motivo genuinamente “religioso” para evitar o homem ferido. De acordo com a lei levítica, quem tocasse em um cadáver se tornava cerimonialmente “impuro” (Nm 19.11-16) e ficava excluído dos cultos cerimoniais durante sete dias. E se o homem já estivesse morto ou à beira da morte mesmo? Seria muito natural que esses dois religiosos profissionais raciocinassem: “Isso me impedirá de cumprir um chamado mais nobre!

Os dois, assim, passaram longe. Ao fazerem isso, no entanto, também passaram longe de um ensinamento claro das Escrituras: o dever de ser misericordioso até mesmo com estrangeiros em necessidade (Lv 19.34). A ironia do versículo está no fato de os próprios sacerdotes e levitas serem os responsáveis, como ministros do povo de Deus, por ajudar os necessitados. Os sacerdotes, além de outras responsabilidades, incumbiam-se da saúde pública; os levitas, da distribuição das esmolas aos pobres. Esse era um chamado sacerdotal;

porém, ambos valorizaram mais suas *agendas* (repletas de cerimônias e de outras atividades religiosas legítimas) do que seu *propósito*. E obviamente negligenciaram um preceito importante: obedecer é melhor que oferecer sacrifícios (1Sm 15.22).

AQUELE QUE TEVE MISERICÓRDIA

Por fim aproximou-se dele um viajante samaritano, segundo os costumes, um inimigo ferrenho do judeu que se encontrava estirado no próprio sangue. O samaritano corria o mesmo perigo que o sacerdote e o levita. Mais ainda, todo o aprendizado e a experiência de vida do samaritano deveriam tê-lo levado não a passar por cima da vítima, mas a pisar *nela*! Samaritanos e judeus eram inimigos mortais. (Quando os judeus se enfureceram com Jesus, eles o chamaram de “samaritano” [Jo 8.48], porque não conseguiam pensar em um adjetivo pior!) Mas, contrariando todos esses fatores, o samaritano teve “compaixão” (v. 33). Foi uma imensa compaixão, que o levou a atender a várias necessidades da vítima. Foi uma compaixão que ofereceu amizade e amparo, tratamento médico emergencial, transporte, grande ajuda financeira e até uma visita subsequente.

A expressão “ministério de misericórdia”, que usaremos neste livro, vem do versículo 37, em que Jesus nos manda prover abrigo, ajuda financeira, cuidados médicos e amizade aos que carecem dessas coisas. Não recebemos nada menos que uma ordem do Senhor nos termos mais categóricos possíveis: “Vai e faz o mesmo!”. Nosso paradigma é o samaritano, que colocou em risco a segurança, deixou de lado sua agenda, e ficou todo sujo e ensanguentado ao se envolver pessoalmente com uma pessoa necessitada, pertencente a outra raça e classe social. Será que nós, como cristãos, estamos *pessoalmente* obedecendo a essa ordem? E como igreja, será que estamos obedecendo a essa ordem *coletivamente*?

QUESTÕES LEVANTADAS

Sem dúvida nenhuma, a Parábola do Bom Samaritano nos leva a refletir. Para começar, é uma armadilha que se volta contra o próprio caçador. Um perito na lei tenta levar Jesus a dizer algo depreciativo sobre a Lei, mas Jesus lhe mostra que, na verdade, são os líderes judeus que não a cumprem. O Senhor Jesus ataca a complacência de pessoas religiosas acomodadas que se esquivam

das necessidades de terceiros. As afirmações feitas por ele nos inquietam de igual modo hoje, e seus ensinamentos prontamente levantam muitas questões.

A primeira questão se refere à *necessidade* de misericórdia para nos identificar como cristãos. Não podemos nos esquecer de que essa parábola é uma resposta à pergunta: “... que devo fazer para ter a vida eterna?” (Lc 10.25). Jesus responde chamando a atenção do doutor da lei para o exemplo do bom samaritano, que supriu as necessidades físicas e financeiras do homem caído na estrada. Tenha em mente que a mesma pergunta foi feita a Jesus em Marcos 10.17 por um jovem rico. Ali também Jesus termina dizendo: “... vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres...” (v. 21). Parece que Jesus vê o cuidado para com os pobres como parte da *essência* daquilo que é ser cristão.

Mas como é isso? Em Mateus 25.31 e seguintes, Jesus julga as pessoas com base no ministério que exercem aos famintos, nus, sem-teto, doentes e encarcerados. Ele está dizendo que apenas quem trabalha com assistência social vai para o céu? Não somos salvos pela fé em Cristo somente? Então por que o ministério de misericórdia parece tão central à própria definição do que é ser cristão?

A segunda questão está relacionada com o *escopo* e a dimensão do ministério de misericórdia. Lembre-se de que o doutor da lei não negou a exigência de cuidar dos necessitados. Dificilmente alguém faria isso! Mesmo assim ele perguntou: “... quem é o meu próximo?” (Lc 10.29). Podemos imaginá-lo como o típico ocidental dizendo:

“Ah, vamos lá, Senhor, sejamos razoáveis! Sabemos que temos de ajudar os menos afortunados, mas até que ponto?”

“O senhor não está querendo dizer que devemos nos acabar em favor de qualquer um por aí, está?! A caridade não começa em casa?”

“O senhor não está dizendo que todo cristão deve se envolver profundamente com os feridos e carentes deste mundo, não é? Não tenho muito jeito para esse tipo de coisa; não é o meu dom.”

“Sou ocupado demais e muito envolvido com as atividades da minha igreja evangélica. Afinal, ajudar os pobres não é tarefa do governo?”

“Meu salário mal dá para pagar as minhas contas!”

“Muita gente está na pobreza por pura irresponsabilidade, não é mesmo?”

Quando nos mostra a indiferença do sacerdote e do levita, Jesus desmascara os muitos falsos limites que as pessoas religiosas impõem ao mandamento “Amarás o teu próximo...” (Mt 22.39). Com o exemplo do samaritano, Jesus ensina que o próximo a quem devemos ajudar é *todo* ser humano em necessidade, até mesmo um inimigo. Ao ler essa parábola, qualquer pessoa começa a se sentir refém de sua lógica. Não será ela idealista demais? As necessidades dos pobres do mundo não são um fardo excessivamente pesado? Jesus está dizendo que temos de fazer um voto de pobreza e mudar para uma favela? Estamos preparados para não fazer distinção entre o pobre que merece ajuda e o que não merece?

A terceira questão se refere à *motivação* ou à dinâmica do ministério de misericórdia. Israel recebera a Lei de Deus, a qual exigia claramente misericórdia para com o próximo. Jesus, contudo, mostra que os doutores da Lei interpretavam-na de um modo que frustrava seus propósitos mais básicos. *Não basta saber qual é nossa obrigação.* O sacerdote e o levita conheciam bem os ensinamentos bíblicos, todos os princípios éticos, e tinham todas as afinidades étnicas com o homem caído na estrada. Mas isso não bastava. O samaritano não tinha nada disso, mas teve *compaixão*. Isso bastou! O que fará com que a igreja seja misericordiosa de verdade? Não basta, por exemplo, manipular os cristãos americanos para que se sintam culpados por serem tão “ricos”. O que, então, *tornará* a igreja poderosa para curar as feridas profundas, atender às necessidades mais intensas e transformar a sociedade ao redor?

Há décadas os evangélicos evitam a natureza radical do ensinamento da Parábola do Bom Samaritano. No máximo, aprendemos que ela nos manda preparar uma cesta básica para os necessitados no Natal ou doar dinheiro para organizações humanitárias quando há fome ou furacões em lugares distantes. Mas é hora de prestarmos mais atenção, pois o mundo, que *nunca foi* um lugar “seguro” para se viver, está ficando menos seguro ainda. Finalmente estamos começando a nos perguntar por que, de repente, há milhares de pessoas “sem roupas e meio mortas” pelas ruas de nossas cidades.

Na história mundial, somente um número pequeno de pessoas viveu em relativa “segurança”. Guerra, injustiça, opressão, fome, desastres naturais, ruptura familiar, enfermidade, doença mental, deficiência física, racismo, crime, escassez de recursos, luta de classes — esses “problemas sociais” decorrem de nossa alienação de Deus. Eles geram grande miséria e violência à maior parte

da humanidade. É provável, no entanto, que a maioria das pessoas que leem este livro pertença a um grupo relativamente pequeno que, pela graça de Deus, em geral leva uma existência livre da influência dessas forças.

Esse conforto relativo pode nos isolar em um mundo fictício, no qual o sofrimento é objeto raro. Contudo, esse isolamento é frágil, pois o sofrimento nos cerca — até mesmo nos bairros nobres! Precisamos de uma visão mais acurada do mundo em que vivemos. Talvez precisemos entender que não vivemos em ilhas de conforto, e sim na estrada para Jericó.

Introdução

Quem é o meu próximo?

Alguém já disse que um “cristão global” deve ler a Bíblia e o jornal. Em certo sentido, essa parábola de Jesus nos *direciona* para isso. Embora o doutor da lei tenha buscado limitar o conceito de “próximo”, Jesus o expandiu mostrando que *qualquer* ser humano que esteja em necessidade é nosso próximo. O sacerdote e o levita que passaram longe do homem caído na estrada representam aqueles de nós que fogem de examinar mais de perto uma pessoa necessitada. Mas o Senhor nos ensina a reconhecer nossos semelhantes caídos pela estrada. Será que nós, cristãos de classe média, reconhecemos e conhecemos nosso próximo necessitado?

Consideremos o caso de Ângela, uma moradora de rua. No auge da crise dos sem-teto nos Estados Unidos, em meados de 1980, um seminarista idealista tentou ajudá-la, e ficou surpreso com o que descobriu. Ele descreveu de modo comovente o encontro dos dois:

Ângela, outrora uma bela mulher, definha ao lado da biblioteca que fica no campus urbano de nossa universidade. Ela está vestida com várias camadas de roupas grudadas ao corpo frágil como se fossem camadas destoantes de tinta descascada. Apesar do frio e da intempérie crescente, ela não usa meias. Eu lhe ofereci comida uma vez, mas ela rejeitou com grosseria. Ângela se afasta abruptamente quando tento conversar com ela. Magoado, eu me retraio. Mas aos poucos começo a entender como somos preconceituosos nas nossas expectativas em relação aos pobres. Minha arrogante expectativa de gratidão mata a bondade do meu gesto. Ângela está faminta, desprotegida e doente; eu, porém, resisto em lhe estender a mão, pois talvez ela me rejeite.

Qual de nós dois está de fato doente? Ângela, você é um espelho colocado diante de nós, mas será que suportamos olhar para ele?¹

Você já viveu uma experiência dessas? É bem provável que sim, pois os pobres se tornaram cada vez mais visíveis nas últimas décadas. Sua própria presença nos obriga a entender que não conhecemos nem entendemos absolutamente nada deles. Em geral, os fatos duros e frios sobre pessoas que vivem na pobreza surpreendem os cristãos de classe média.

Mas Jesus nos chama a olhar, ouvir e aprender. E, para isso, analisaremos uma “amostra” de pessoas carentes. Embora ao longo desse processo nos deparemos com muitos números e estatísticas, o objetivo é olhar nosso próximo nos olhos, em vez de passar longe dele.

O AUMENTO DA POBREZA

Kathi era uma dona de casa judia que levava uma vida normal de classe média. Quando seu filho morreu num acidente, o marido começou a beber e afastou-se dela. Ele divorciou-se e deixou-a só, aos 43 anos de idade, sem nenhuma qualificação ou experiência profissional, sem pensão (a lei no estado em que ela morava não levava em conta a questão da culpa nos casos de divórcio). O ex-marido de Kathi recuperou-se do alcoolismo, casou-se novamente e logo estava ganhando 65 mil dólares por ano. Ela começou a trabalhar como garçoneiro para ganhar 900 dólares por mês. Com essa renda não conseguia pagar o aluguel do apartamento de um quarto e ainda comer. Kathi começou a beber e procurou um psiquiatra, que fez pouco mais do que prescrever tranquilizantes. Ela passou a viver em abrigos e agora está num centro de reabilitação para mulheres indigentes.²

Kathi é um exemplo do número crescente de pessoas que denominamos “pobres”. Um em cada sete americanos é pobre. Aproximadamente 42% das crianças americanas crescem em famílias de baixa renda, e quase uma entre quatro crianças — cerca de 23% — cresce em meio à pobreza.³ Se não

¹Mev Puleo, *Christian Century*, 24 April 1985: 408.

²George Grant, *The dispossessed: homelessness in America* (Forth Worth: Dominion Press, 1986, p. 71-2).

³Colin Greer, “Something is robbing our children of their future”, *Parade Magazine*, 4 March 1995, p. 4.

falássemos de mais nenhuma estatística neste livro, só essa já deveria pesar em nosso coração cristão.

Desde os prósperos anos de 1950 até meados de 1970, a porcentagem da população americana que vivia na pobreza caiu de 30% para apenas 11%. Mas, entre 1970 e 1995, o número de pobres nos Estados Unidos aumentou de 25,4 milhões para 36,4 milhões; aproximadamente 14% da população.⁴ (O governo federal considera que uma família de quatro membros vive em estado de pobreza se sua renda anual for de 14.800 dólares ou menos. Se a mesma família tiver uma renda anual de 27.380 dólares, é considerada uma família de baixa renda.)⁵

Além disso, (como diz o ditado) o pobre realmente *está* ficando cada vez mais pobre. De acordo com a agência governamental encarregada do censo nos Estados Unidos, a renda média real das famílias em 1995 estava 3,8% abaixo do nível da renda média real em 1989; isso sem levar em conta o fato de que os que estão entre os 5% no topo das maiores rendas possuem uma proporção cada vez maior de toda a riqueza da sociedade. Assim, para um número crescente de norte-americanos, o trabalho não trouxe libertação da pobreza.⁶ E muitos especialistas estimam que o 1996 Welfare Reform Act [Lei de Reforma Social de 1996] cancelará o auxílio a 2,6 milhões de pessoas, que necessitarão de agências não governamentais para prover a elas assistência, treinamento profissional e outros serviços. Tecnicamente, esse projeto de lei aumentaria a “lacuna da pobreza” em mais de 4 bilhões de dólares ou em 20% para famílias com filhos. Famílias cujos pais estão desempregados (ou subempregados) e que recebem assistência do governo, em geral, já ganham salários abaixo do nível de pobreza. A lei provavelmente tornará as necessidades dessas famílias ainda mais agudas.⁷

Embora a década de 1990 tenha testemunhado algumas poucas vitórias na “guerra contra a pobreza”, um exame mais próximo nos revela muitas tendências assustadoras que antecipam um futuro sombrio. Analisemos essas tendências.

⁴Paul Koegel et al. “The causes of homelessness”, in: *Homelessness in America* (Washington DC: Oryx Press, 1996).

⁵Greer, “Something is robbing our children”, p. 4.

⁶*Why are people homeless? NCH Fact Sheet #1* (Washington DC: National Coalition for the Homeless, 1997), p. 1.

⁷David A. Super; Sharon Parrott; Susan Steinmetz; Cindy Mann, *The new welfare law — summary* (Center on Budget and Policy Priorities, 1996), p. 3.

Por que alguém arriscaria a própria segurança, cancelaria a agenda, gastaria suas economias e ficaria todo sujo de terra e sangue para ajudar uma pessoa de outra raça e classe social?

E por que Jesus nos diz: “Vai e faz o mesmo” (Lc 10.37)?

O Bom Samaritano não ignorou o homem espancado na estrada de Jericó. Assim como ele, tomamos ciência de pessoas necessitadas à nossa volta: *a viúva que mora ao lado, a família afundada em dívidas médicas, o sem-teto que fica do lado de fora da igreja*. Deus nos chama a ajudá-los, precisem eles de abrigo, assistência, cuidados médicos ou simplesmente amizade.

Tim Keller mostra que cuidar dessas pessoas é tarefa de todo cristão, tarefa tão fundamental ao cristão quanto o evangelismo, o discipulado e a adoração. Mas Keller não para por aí. Ele ensina *de que maneira* podemos realizar esse ministério vital como indivíduos, famílias e igrejas.

Junte-se ao autor, que nos mostra o modo bíblico de participarmos dos ministérios de compaixão. Keller trata com sabedoria de muitas questões complexas e mostra como podemos traçar um equilíbrio entre o custo de suprir necessidades e nossas limitações de tempo e recursos, entre oferecer ajuda material e ensinar responsabilidade, entre satisfazer necessidades dentro da igreja e fora dela, além de outras questões relacionadas.

Ao final, cada capítulo oferece perguntas para debate e aplicação.